

Matheus Vieira de Souza
Meu diário de bordo.

Primeiro encontro (08.10)

É curioso escrever sobre minha trajetória aqui, neste local online, com pessoas desconhecidas - menos a Ana - . Falar sobre minha história, sobre quem sou e como vim parar aqui. hoje. neste lugar. com todas estas pessoas. mas a primeira dificuldade - essa que descobri nesses últimos dias - foi: como nós contamos nossa trajetória para nós mesmos? Como selecionar aquelas passagens que julgamos serem as melhores para contarmos quem somos? É possível que desejamos ter uma trajetória para esse grupo de pessoas e outra para aquele outro grupo? Nós contamos quem nós realmente somos ou criamos aquilo que talvez aquele determinado grupo nos aceitará?

o passado é um país estrangeiro. e visitar esse país estrangeiro faz de nós visitantes de nós mesmos. e sob uma perspectiva de visitante, haverá sempre aquele lugar que nós não vamos ou que nos foi determinado a não retornar.

me lembro aqui do poema de gregório duvivier:

difícil ser feliz nas festas de santa
teresa ou sentado nas escadarias
da lapa por melhor que seja
sua companhia é difícil ser
sinceramente feliz na
pizzaria guanabara às
cinco da manhã em
meio a pedaços de
pizza fria e o cigano
igor de chapéu há
lugares em que
você sabe que
não vai ser
feliz mas

vai.

Visitar o passado é, por vezes, saber que você não vai ser feliz mas vai. e talvez escrever um power point, ou gravar um vídeo, ou fazer um desenho, te leva a considerar o fato de ocultar por vezes esses lugares e trazer uma trajetória que é apresentável.

pra mim foi importante falar sobre mim. falar sobre o lugar que eu vim. falar sobre meus pais, sobre macatuba e minha infância na escola waldomiro fantini. foi importante pra mim falar sobre lençóis paulista, a adolescência na escola municipal lina boschi. foi importante falar do privilégio de estudar em um colégio particular e em uma faculdade tradicional da região. foi importante falar sobre a possibilidade de estar na usp hoje. falar sobre essa trajetória foi importante para mim. mas sinto que poderia ter falado sobre outras e outras e outras e outras. Quem sabe num outro momento.

Ouvir os outros colegas falarem é conhecer um pouco das trajetórias que decidiram trazer para cá. É importante saber quem são as pessoas que escolheram mostrar. a geografia da suas trajetórias, peru, nordeste, norte, sul do brasil... quem decidiu viajar de bike, quem decidiu fazer yoga, os causos de família, enfim, o lado não acadêmico que constrói os e as colegas pesquisadores.

O período da tarde foi interessante. conversar sobre as leituras. fiz algumas anotações...

Anotações

Universidade para que? - Darcy Ribeiro

O contexto deste texto é um discurso que Darcy fez na Universidade de Brasília na posse de Cristovam Buarque como reitor. O primeiro reitor da universidade pós ditadura militar. O texto traz a paixão de alguém que pensou, idealizou e amou, acima de tudo, a possibilidade de uma nação menos desigual, com uma universidade que abrigasse a todas e todos. Diversos trechos da leitura fazem com que nós que estamos dentro do contexto de uma universidade pública, lutemos para que este espaço continue público e sirva em prol de um desenvolvimento da nossa própria sociedade. Este texto acende e mantém acesa uma

chama de esperança. Elaborar aqui todos os trechos que me chamaram a atenção, demandaria quase que copiar e colar o texto todo. Deixo aqui três deles:

"Repito: O Brasil não pode passar sem uma universidade que tenha o inteiro domínio do saber humano e que o cultive não como um ato de fruição erudita ou de vaidade acadêmica, mas com o objetivo de, montada nesse saber, pensar o Brasil como problema. **Esta é a tarefa da Universidade de Brasília**".

Apesar de Darcy aqui, comentar sobre a UNB, sinto que esta deveria ser a tarefa de todas as universidades públicas nesse país: ***Pensar o Brasil como problema.***

"Aqui, Reitor, só não concordo com uma dissertativa. **Não concordo que você não possa errar. Erre, companheiro, erre e erre mais. Só não erra quem não tenta acertar.** Limpe a mente, abra o coração, tome partido e ouse. Vá adiante, aceite errar para acertar. Eu errei muito, nós todos erramos demais, tanto que este nosso país ainda não deu certo. Concordo, porém, com você, em que é preciso estar contente com o que se tem em mãos para, a partir do concreto, esgotar as possibilidades de fomento que se oferecem aqui e agora no cumprimento do honroso mandato reitoral e presidir o renascimento da nossa UnB. Ele o conclama e o condena a refletir e agir diante de cada situação concreta, a optar e lutar, a fim de que se realize a alternativa melhor. Havemos de ser o que *houvéramos* sido se a hecatombe não tivesse caído sobre o nosso povo, tudo arrasando, tudo enlameado"

Separei esse ponto pelo simples fato de acreditar que nós, embora devemos ter responsabilidade, tenhamos que tentar. Só erra quem tenta. Só acerta quem tenta.

"...de fato, não importa nem mesmo que nenhuma utopia se realize. não é preciso. só é preciso haver utopia"

A utopia é a raiz de qualquer projeto.

Segundo encontro (15.10)

Em trios, apresentamos o capítulo a capítulo o livro do Zabalza “O ensino universitário: seus cenários e seus protagonistas”. Eu e meu grupo (Mariana e Júlia) ficamos com o capítulo 4. Combinamos de ler o capítulo e discutirmos na noite do dia 14 o capítulo e o que cada um de nós apresentaríamos. Gostei de dividir com elas essa leitura e a apresentação. Acho incrível o jeito com que elas articulam os argumentos. Houve ali na aula um pequeno desentendimento entre os dois primeiros grupos. Talvez, por não nos conhecermos e pelas questões pandêmicas e de não poder nos encontrarmos, algumas coisas ficam desalinhadas. Acho que acontece. Mas o resto da Aula fluiu bem. Foi muito bom.

Gostei muito também da apresentação do último grupo, que teve por objetivo a leitura do livro do Boaventura. Foi uma apresentação muito boa que conseguiu trazer bem o desafio de apresentar um livro todo.

O nosso capítulo trata dos desafios da docência no ensino superior. Coloco abaixo alguns pontos que levantei do próprio capítulo, especialmente da parte que me coube apresentar.

No fim desta aula, foi discutido e organizado os grupos para o trabalho final. Acabei saindo do grupo e formando uma dupla com a Thaianne. Estamos no começo da discussão a respeito do tema do nosso trabalho. O maior desafio é juntar uma pessoa da administração (no caso, eu) e a Thaianne que vem da Ecologia. Mas vai dar certo!

GRANDES DESAFIOS DA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS

1. PASSAGEM DE UMA DOCÊNCIA BASEADA NO ENSINO PARA A DOCENCIA BASEADA NA APRENDIZAGEM

- Transformar-se em profissionais da ‘aprendizagem’ em vez de um especialista que conhece bem um tema e sabe explicá-lo, deixando a tarefa de aprender exclusivamente com os alunos.

- Compromisso como facilitador, fazendo o que for preciso para que os alunos tenham acesso intelectual aos conteúdos e as práticas da disciplina.
- Por isso fala-se tanto em dupla competência: Conhecimento científico e conhecimento pedagógico
- Principal desastre: tornar independente o processo de “ensinar” e de “aprender”. Isso não funciona bem. Os professores não se preocupam com o modo como os alunos aprendem e atribuem a eles o seu fracasso.
- **O que significa a orientação para aprendizagem?**
- Transformar o “Aprender” como conteúdo e em propósito do ensino e da contribuição formativa que nós, professores, representamos.
- Refletir a disciplina através do olhar do aluno: como poderiam abordá-la melhor, com que tipo de dificuldades podem se deparar, que esclarecimentos ou apoios complementares poderiam lhes ser úteis.
- (Ensinar a partir do outro): ampliar os conhecimentos que nós professores temos sobre o lugar da aprendizagem e sobre o modo com que os alunos aprendem. Quando mais aprofundamos nossos conhecimentos em aprendizagem, melhores serão as condições para facilitá-la.
- **(meios frente a massificação a massificação)**
- Processos de ajustes progressivos. Centrar as atividades docentes àquelas que dão maior viabilidade econômica e reduzir aquelas com menor retorno financeiro; reduzir os inputs educativos para se direcionar a outras atividades mais rentáveis.
- Estratégias de aprendizagem ‘autodirigida’ (exame das teorias e estruturas pessoais, reflexão e aprendizagem colaborativa)

2. INCORPORAÇÃO DE NOVAS TECNOLOGIAS

(não existe uma só análise sobre o ensino que não cite o novo cenário tecnológico em que a formação dos próximos anos transitará, caracterizando pela presença de novos recursos técnicos que facilitarão o armazenamento e a gestão da informação)

- Tecnologia não será a principal mudança a ser observada (...) surgirão e terão expansão novas modalidades de formação que

trazem consigo outros desafios: ensino a distância, formação através da internet, semipresencial

- ...isso vai requerer...Novos recursos, Novos modelos didáticos
- Programas paralelos de formação que abranjam as novas tecnologias
- Novas estratégias didáticas e formativas (não só na formação e no uso dos recursos)

3. O ESTÁGIO PRÁTICO

Novas modalidades de aprendizagem baseada no trabalho, com maior interação entre universidade, empresas e instituições, é um grande desafio da formação.

- Desafio de conciliar a iniciativa privada e a universidade: aumento da interação com o setor privado, à medida que foi-se inculcando a ideia de que a formação universitária tinha que estar mais vinculada à profissionalização.
- Formatos profissionalizantes e estrutura formativa convencional. Muitos professores, contudo, não conseguiram fazer essa adaptação. Por isso se dá a necessidade da formação. Para readequar os programas convencionais às novas oportunidades que um currículo formativo vinculado ao mercado de trabalho fornece.
- Estágio prático não mais como um componentes dos cursos, mas como um componente transversal, que deve influir e ser influenciado por todas as disciplinas.
- Formação de pessoas (para planejar, supervisionar, e avaliar a formação) e de um grupo que se encarregará de se aprofundar mais sobre o estagio prático, de quais contribuições ele pode trazer e afins)

4. FLEXIBILIZAÇÃO DO CURRÍCULO UNIVERSITÁRIO

- Flexibilização através de módulos. Alunos podem seguir diferentes cursos e complementar elementos de formação aos seus cursos originais
- Porém, o professor tem que planejar sua prática docente de maneira diferente num ensino como esse. Não há mais avanço contínuo.

- Módulos devem ser pensados como estruturas quase autônomas e passíveis de troca. Justamente por isso, os módulos devem ser pensados para que o aluno tenha um avanço. No sentido que fique ágil o acompanhamento, repensando e identificando suas principais carências.
- Interdisciplinaridade. E os desafios que acompanham esse processo.

5. BUSCA DA QUALIDADE ATRAVÉS DA REVISÃO DAS PRÁTICAS DOCENTES

- Qualidade e massificação do ensino superior. À medida que aumentou o público ao ensino superior e a heterogeneidade desse público, a qualidade do ensino decaiu.
- Restrição financeira, Controle sobre os gastos e pressão social
- Exigências: produção científica controlada, avaliação dos estudantes, prestamos contra da atividade do docente, apresentação do programa em busca de consenso.
- Nem sempre o controle gera Qualidade = Formação. E qualidade está ligada à formação.
- O tema da qualidade se resume Três compromissos:
- **Fazer bem o que está se fazendo mal:** introduzir sistemas de diagnóstico do funcionamento dos diversos setores e das diferentes instâncias universitárias para identificar seus pontos fortes e fracos.
- **Fazer melhor o que está se fazendo bem:** o que implica em um plano estratégico de qualificação e desenvolvimento institucional capaz de ir consolidando e sustentando as realizações obtidas
- **Fazer o que não está se fazendo, e fazê-lo bem:** incorporar dispositivos que facilitem e tornem possíveis inovações e processos de crescimento sistemáticos.

Só uma nota: Parece que Zabalza, quando trata do ensino a distância principalmente, já vislumbrava os desafios que temos hoje. Curioso esse ponto.

Terceiro encontro (22.10)

Foi proposto neste terceiro encontro que os grupos se reunissem para trabalhar em cima do projeto final. Eu e Thiane já havíamos conversado na semana que passou e decidimos que iríamos tratar a respeito de uma intersecção entre capitalismo, consumismo e as

problemáticas para o meio ambiente. Nós não tínhamos ainda muito bem desenhado o que pretendíamos abordar. Eu tinha pensado em uma sequência (coloco abaixo) que por fim acabou ficando muito grande. Thaiane propôs uma série de conteúdos que também dariam quase um curso sozinho. Na mesma manhã nos reunimos com o Marcos a fim de apresentar a ideia central. Marcos disse que a ideia é interessante, mas que há ainda alguns desafios no que tange os objetivos pedagógicos e principalmente políticos. É curioso, pois para nós, a questão política é bem clara no nosso projeto. O problema é converter esse ponto em política pública.

São bons pontos. Teremos bastante trabalho pela frente. Tenho sorte que Thaiane é uma pessoa massa demais. Temos conseguido discutir legal e parece que há uma confluência de ideias. Talvez o desafio maior será:

A bibliografia que terei que trazer para esse curso.

Revisitar as contradições do marketing é um ponto curioso pra mim. Talvez esteja aí o maior desafio. Lidar com as contradições.

Marcos sugeriu diversas leituras aqui para a próxima semana. Li com mais afinco os exemplos de como construir um plano de aula. Também li o texto de Hannah Arendt e o livro *Pedagogia da Autonomia* de Paulo Freire. O texto de Arendt eu acabei achando meio... estranho. Por diversas vezes eu tive que ler/reler/parar/ler novamente. Achei cansativo. Mas no fim, consegui compreender.

O cerne da questão que ela traz é que a crise na educação é efeito de uma crise da modernidade. Nesse sentido, ela é parte de algo muito maior.

Um segundo ponto central é a questão da *Natalidade*. Só há educação porque chega gente nova no mundo. Crianças chegam ao mundo e então elas precisam ser educadas para o mundo.

Educar é preparar a criança para o mundo. Nesse sentido, Arendt parece querer dizer que nós temos que preparar a criança para o mundo e proteger o mundo da criança. Porque o mundo fica. A criança uma hora se vai. [**eu achei isso muito louco**].

Para Hannah Arendt, preparar a criança para o mundo demanda autoridade e respeito pela tradição (!!!!!!!!!!!!!!!). Autoridade pra dizer como o mundo funciona e respeito pela tradição pois o mundo já está lá antes dela vir. Mas é curioso aqui, que Hannah Arendt não propõe que seja impossível mudar o mundo, para ela aqui, a criança tem que entender como o mundo funciona para depois tentar mudar.

Ou seja: **Entender como funciona** é diferente de **aceitar**.

Nesse sentido, a crise para Hannah Arendt é que há uma quebra pela autoridade e um não respeito pela tradição. Nesse sentido, falta aos adultos demonstrar isso para as crianças.

Responsabilidade - atributo da autoridade e que difere da qualificação. Desta forma, pode-se ter o conhecimento do mundo, mas falta a sensibilidade/responsabilidade de apresentar de fato como o mundo é. Isso é um segundo ponto do que Hannah Arendt aponta como crise.

Curioso notar que Hannah Arendt coloca a família no meio do jogo dela nesse texto. Para ela, a Família deve proteger a criança do mundo, enquanto o professor é quem apresenta como o mundo é. [Achei aqui uma delegação de função, no sentido de que o que é apresentar o mundo?]

Enfim... Achei legal e visões diferentes. Mas sei lá, achei bem maçante.

Sobre o livro de Paulo Freire, achei impressionante como o autor trata essa via de mão dupla que é a educação. Não há docente sem aluno. O processo é um processo onde ambos aprendem. Um processo de construção, atenção, libertação e o principal: amor. Não esse amor romantico, mas um amor de entender o outro, entender o processo do outro, dar a autonomia para que o outro possa andar e compreender o

mundo em sua volta. Uma educação do cuidado. Um processo que oferece não só um conteúdo fechado, mas um conteúdo que permita o descobrir e o redescobrir. Uma amplitude das experiências ao redor.

Eu queria escrever ponto a ponto o livro e os três capítulos, mas eu fiquei apaixonado com isso aqui e talvez eu fique repetitivo.

“Não é possível a assunção que o sujeito faz de si numa certa forma de estar sendo sem a disponibilidade para mudar”.

Quarto encontro. (29.11)

Discutimos as leituras da última semana pela manhã. Cada um apresentou seu ponto e tudo mais. Foi bacana. Mariana teve, aparentemente, as mesmas percepções que eu do texto da Hannah. Achei curioso os pontos que o Marcos trouxe para rebater. Talvez seja necessário retornar para ler novamente.

O período da tarde serviu para que os grupos que não conversaram no dia 22, pudessem encontrar com o Marcos. Como nós já havíamos encontrado com o Marcos, acabamos por trabalhar um pouco mais em nosso trabalho.

Quinto encontro (05.11)

Ontem, começaram as apresentações dos trabalhos. Me sinto um estranho no ninho. Pouco sei sobre as questões que os grupos tem trazido. Algumas palavras me soam estranhas e eu tive que por diversas vezes buscar no google (rs). Mas gosto do esforço que os grupos tiveram para montar as apresentações em tão pouco tempo. Ambos fizeram uma introdução com exercícios de respiração e tudo mais. Foi legal, eu gostei. É um jeito diferente e curioso para começar uma aula.

Aparentemente os dois grupos tiveram dificuldades em montar os objetivos. Isso tem me tirado um pouco a tranquilidade porque eu acredito que nosso grupo também terá. Eu estou com dificuldade de

escrever um objetivo. Enfim. Gostei das dinâmicas, de discussão e afins. É interessante como tudo aqui é diferente da administração e de tudo o que eu já participei até hoje.

Eu estava completamente esgotado no fim da tarde. Me incomoda um pouco essa questão do Freinet de “Eu proponho, eu critico, eu felicito”. Na real, eu acho meio chato isso. Mas tudo bem... vida que segue.

Sexto encontro (12.11)

Eu achei as apresentações fantásticas!!!!!!

O grupo da manhã mandou muito bem na interação e na apresentação do que seria uma aula do curso delas. Ok, achei que faltou um pouco da questão mais formal do curso e tals. Um ponto que eu e a Thaiane temos quebrado bastante a cabeça. Mas de qualquer forma, eu achei que elas mandaram MUITO BEM. Achei a discussão dos circuitos-curtos fantástica. Me parece uma ideia genial para resolver diversos problemas pela cidade. Gostei muito!

O grupo da tarde apresentou um projeto que eu também achei fantástico. Essa questão de andar pelas cidades e trabalhar sobre conhecimento das possibilidades locais é muito massa. Eles formavam um trio muito bom. Mesmo! É o tipo de curso que eu faria facilmente. Tenho pra mim que as críticas do Marcos foram pertinentes até certo ponto. Alguns pontos eu acabei discordando do próprio. Mas fui ouvidos. Para absorver pro nosso trabalho! Me parece que persiste a questão do objetivo. Falta um ~Quê a mais~.

Achei bacana o Henrique tocar no ponto do marketing e que talvez eu pudesse ajudar.

Novamente me irritou a questão do Freinet. Sei lá o porquê, eu acho muito chato essa questão de TER que avaliar logo depois. Depois de 8 horas sentado, claramente a tendência é que pontuamos algumas críticas, sabe?! e as vezes nem é MESMO aquilo que a gente quer falar. Mas tudo bem... vida que segue!

Preparação para o sétimo encontro e sétimo encontro [19.11]

Apresentamos anteontem. Eu e Thaiane viemos discutindo bastante a respeito do nosso trabalho e chegamos em um ponto específico. Um curso que trabalhasse com a construção de um novo cidadão*, a partir da problematização do capitalismo, consumismo e as implicações disso com o meio ambiente.

Foi curioso visitar e revisitar diversos pontos e novos pontos como a obra do Lipovetsky, a questão do Green New Deal, conhecer mais sobre questões do Antropoceno, voltar a trabalhar sobre questões da antropologia do consumo, da sociologia do consumo, o consumismo e seu atrelamento com a lealdade da marca, experiência e afins.

Foi muito difícil em diversos momentos, o encontro e as contradições com aquilo que eu tenho trabalhado e estudado há alguns anos, desde a graduação. Marketing bancário, a salvação e a introdução de novas classes via tecnologia, as pessoas que são fiéis a um banco... enfim... é difícil encarar as contradições. É difícil encarar as questões do consumismo e ver que, por um lado há um esgotamento, por outro nós, pesquisadores da área, temos trabalhado com neuromarketing para descobrir quais são os pontos cerebrais que se movimentam quando apresentamos novos produtos. É curioso se sentir parte de algo que possivelmente traz um dos problemas que EU MESMO vou criticar aqui.

É PRECISO LIDAR COM AS CONTRADIÇÕES.

A apresentação foi dentro do que eu e Thaiane combinamos e enfim, rolou. Acabamos passando um pouco do tempo e nos embananou no fim. Talvez tenha sido mal planejado. Escolhemos uma dinâmica de construção de cartilha - o que para nós, mataria o lance da incidência em políticas públicas. Por um lado ficamos muito felizes, e eu não queria que aquele momento acabasse nunca. Foi muito legal ver as pessoas construindo algo que propusemos. Por outro lado, era possível sentir que as pessoas já estavam esgotadas. Estouramos o tempo.

Vieram críticas interessantes ali - depois da puxada de orelha do Marcos, que as pessoas não estavam criticando -. Críticas no sentido que poderíamos ter pedido ajuda para organizar a dinâmica; críticas no sentido da motivação (logo eu que estudo FATORES DE ADOÇÃO) que as pessoas teriam em buscar nosso curso.

No fim eu achei curioso uma crítica em específico. Marcos disse que nosso título era sexista, por tratar apenas o **Cidadão** e não a **Cidadã**. Isso me deixou pensativo até hoje. Na boa, achei que essa crítica pudesse ser feita de outra forma. Mas tudo bem, eu concordo que não pensamos nisso mesmo. O saldo final foi positivo.

e AH, SIM... TIVEMOS PROBLEMAS COM OS OBJETIVOS.
merda! Mas ok, vamos ver o que falará na próxima semana.

Último encontro (26.11)

Eu esperava mais desse encontro. olhando pra lá eu acho que poderíamos ter feito ele de outra forma. Achei que foi um tiro certo trabalhar as questões dos objetivos e tentar reescrever, porém, acho que o Marcos poderia ter trazido de forma mais consistente o que esperava de um objetivo. Acho também que poderia ter vindo uma crítica mais individual. Apontar grupo a grupo, sabe.... mas também tinha outro ponto, ia apresentar meu primeiro trabalho em um congresso no período da tarde. Estava ansioso, nervoso e... CANSADO.

Mas acabou rolando. Eu esperava um pouco mais, mas acho que foi bom. Aparentemente o cansaço é geral. São tempos de esgotamento.

À tarde eu entrei rápido só para agradecer as e os colegas. Foi muito importante cruzar essa gente no meu caminho.

Avaliação final.

Eu esperava uma experiência diferente nessa disciplina. É um sentimento estranho na verdade. Começando que eu caí meio de gaiato aqui. A outra disciplina de educação havia esgotado e eu parei aqui. Por

um lado, achei que seria mais uma disciplina truncada, de muita leitura e afins e afins. Pensando bem, vou dividir essa avaliação final em três partes.

1) No que tange a disciplina e os conteúdos: Eu achei uma disciplina muito aberta. Ora isso me soou bem, como o fato de podermos discutir sobre os temas abertamente, de construir uma agenda da disciplina, de podermos trabalhar juntos e afins. Só que por outro lado, eu acho que a gente acabou se perdendo no que era o ponto que - eu - esperava dessa disciplina. O desafio de montar um curso e apresentar para os colegas foi uma das coisas mais desafiadoras da minha vida e isso foi muito, mas muito oportuno. Acho que estar aqui nesse espaço foi muito importante para os desafios futuros.

Por outro lado, achei que as críticas vieram sem uma proposta. Não sei se faz sentido escrever isso, mas, me parece que embora trabalhássemos em suprir as necessidades, por diversas horas pareceu-me que não resolvemos as deficiências dos projetos. Fico me questionando se isso é, na verdade, um ponto meu onde não consegui avaliar perfeitamente as correções. enfim... são questões que talvez levem tempo para eu digerir. Acredito que aqui também, não encontraremos todas as respostas. Há a construção cotidiana. Os tombos na parede. Enfim, há mais dúvidas na minha cabeça do que certezas.

2) Para mim: Foi uma das experiências pessoais mais gratificantes e desafiadoras da vida. Ouvir o Marcos falar, as utopias e as possibilidades me trouxeram uma esperança e uma vontade de me movimentar em prol da vida, do meio ambiente e das questões sociais. Ver e ouvir as questões trazidas pelos e pelas colegas, me abriram possibilidades que eu nunca, NUNCA MESMO, havia pensado e refletido. É muito louco isso.

Poder pensar, repensar, refletir e mastigar meu curso, as contradições da minha área e o esgotamento dessa questão mercadológica foi talvez o principal ponto de tudo isso. É até difícil escrever aqui. Refletir sobre aquilo que passa batido pra nós, é

um desafio. Parar no meio dessa loucura toda, olhar ao redor, compreender esse país, compreender as razões do esgotamento no mundo, compreender os nossos hábitos. e toda hora, nos questionar.

Eu acho que além de entender a complexidade que é e o dever que nós futuros-educadores teremos para com as gerações futuras e com o mundo, foi desafiador compreender as NOSSAS complexidades e deveres com nós mesmos. Uma via de mão dupla, onde mudamos e somos mudados. Onde questionamos e somos questionados.

Valeu a pena.